



## CONCEPÇÕES DO FAZER POÉTICO EM DRUMMOND

Cristiane Emanuela da Silva BARBOSA (UNEMAT)<sup>1</sup>

**Resumo:** Pensar o fazer poético é pensar sobre a relação entre o poder das palavras e o trabalho árduo do poeta ao utilizar as palavras. Essa relação fica claramente estabelecida na poesia moderna nos poemas: “Poesia”, “O Sobrevivente” e “Explicação” em seu livro *Alguma Poesia* (1930), “O Lutador” encontrado no livro *José* (1942); “Procura da Poesia” em *Rosa do Povo* (1945) e por fim “Música de Fundo: Palavra Mágica” encontrado no livro *Discurso de Primavera* (1977) de Carlos Drummond de Andrade. Nossa opção por trabalhar com a poesia de Carlos Drummond de Andrade nos permite demonstrar como a oficina literária e a consciência do poeta de que as palavras tem materialidade, são elementos constitutivos da poesia a partir do século XX.

**Palavras-chave:** Modernismo. Poesia. Metalinguagem. Responsabilidade. Luta.

**Abstract:** To think the poetic doing is to think about the relationship between the power of words and the hard work of the poet to use the words. This relationship is clearly established in modern poetry in the poems: "Poesia", "O sobrevivente" and "Explicação" in his book *Alguma poesia* (1930), "O lutador" found in the book *José* (1942); "Procura da poesia" in *Rosa do Povo* (1945) and finally "Música de Fundo: Palavra Mágica" found in the book *Discurso de Primavera* (1977) by Carlos Drummond de Andrade. Our decision to work with the poetry of Carlos Drummond de Andrade allows us to demonstrate how the literary workshop and the poet's awareness that the words have materiality, are constituent elements of poetry from the twentieth century.

**Keywords:** Modernism. Poetry. Metalanguage. Responsibility. Fight.

### 1. Introdução

No decorrer do curso interessei-me por vários temas que serviram-me como objeto de pesquisa. No entanto, sempre estive às voltas com a literatura, apaixonei-me, odiei, apaixonei-me novamente, ficando assim estabelecido entre a literatura e eu uma relação de amor e ódio, a tal ponto que não vejo outra área para trabalhar minha monografia.

Nesse impasse, amor/ódio, encontrei-me envolvida pela poesia de Carlos Drummond de Andrade. Seus poemas são incríveis trabalhos de metalinguagem em que o sentido das palavras são estimulados a se modificar constantemente. O que me chamou a atenção neste poeta foi perceber que para ele a poesia deve ser feita com palavras pensadas, selecionadas, bem escolhidas e que o poeta para criar precisa pensar muito antes e durante a feitura do poema.

O trabalho que proponho é de aprofundar-me no universo da poesia de Drummond, analisando ideias sobre o ato criativo que aparecem em seus poemas para compreender, no enredo da cultura ocidental e nas particularidades da literatura brasileira, os processos

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Cáceres-MT/Brasil.



criativos e a concepção do fazer poético que formulam a sua poesia. Drummond é um dos maiores nomes da poesia brasileira do século XX e decorridos quase um século sua obra continua sendo de fundamental importância para a compreensão da poesia brasileira e do modernismo.

Estudar a poesia de Drummond é necessário não só para o esclarecimento do modernismo do qual foi parte salutar, mas também para compreender outras linhagens poéticas que surgiram mais tarde, como por exemplo o movimento Concretista.

Assim, procurarei demonstrar as concepções de criação poética implicadas na poesia de Carlos Drummond de Andrade, no que se refere ao trabalho metalinguístico, tanto no nível temático quanto semântico. Para que se possa compreender o fazer poético sob a ótica drummondiana, por meio da análise dos poemas selecionados, é preciso ter no horizonte a referência cultural da poesia moderna.

Buscamos demonstrar o alinhamento da forma e do conteúdo no que tange à autorreflexão e autorreferência da linguagem na poética de Drummond de forma a esclarecer a importância da metalinguagem no seu fazer poético, analisando as relações entre o aspecto formal de construção poética e os temas sociais e existenciais predominantes em sua poesia para que assim se identifique os procedimentos metalinguísticos utilizados por ele nos poemas escolhidos.

Carlos Drummond de Andrade, em alguns de seus poemas, dedicou-se ao fazer poético, à função exercida pela poesia na perspectiva da linguagem que se volta para a própria linguagem. Em 1930 compôs seu primeiro livro intitulado *Alguma Poesia* do qual selecionamos três poemas: “Poesia”, “O Sobrevivente” e “Explicação” que traduzem o que o poeta escreveu na orelha deste livro, nos instigando a refletir sobre o fazer poético quando ressalta que para ele a “poesia é negócio de grande responsabilidade” não considerando assim “honesto rotular-se de poeta quem apenas verseje por dor-de-cotovelo, falta de dinheiro ou momentânea tomada de contato com as forças líricas do mundo, sem se entregar aos trabalhos secretos da técnica, da leitura, da contemplação e mesmo da ação”. Ainda segundo ele “até as portas se armam e um poeta desarmado é mesmo um ser à mercê de inspirações fáceis, dócil as modas e compromissos” (ANDRADE, 2007).

Antonio Cândido, em seu livro: *Literatura e sociedade: estudo de teoria e história literária*, também demonstra essa consciência de responsabilidade com a literatura ao ressaltar



um trecho de Sainte-Beuve que exprime claramente as relações entre o artista e o meio, o poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor: possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo que se passa se transforma, porque ele combina e cria ao desenvolver a realidade. A obra literária, para Cândido depende de vários fatores, mas a decisão do artista da maneira como vai trabalhar a linguagem ocupa um lugar importante na criação.

O crítico, em seu texto *Inquietude na poesia de Drummond*, comenta a questão estética, que para ele não é observada na perspectiva da certeza, mas sim da dúvida, a procura, o debate e a exploração da linguagem. A poesia de Drummond é em boa parte uma indagação sobre o problema da poesia (CÂNDIDO, 2004, p87). Segundo Cândido, Drummond faz o valor da poesia fundir-se com o sentimento poético e reduz conseqüentemente o poema em um precioso condutor.

Heitor Ferraz Mello, em *Drummond, o antibusto*, diz que “a poesia não poderia se resumir a um simples jorro de interioridade questionadora, pois assim se perderia o prazer literário que tiramos dela, [...] seria um insuportável rio caudaloso de palavras de evasão”. Segundo Heitor, em Drummond, a reflexão se confronta com as palavras (HEITOR, 2003, p 44).

Drummond era um poeta inquieto. E essa inquietude é bastante visível em muitos de seus poemas, em que notamos a existência da pluralidade de inflexões modernistas. Sua inquietude, como nos ensina Antonio Cândido, é o motor de uma criação que não cessou de procurar a palavra justa e a forma adequada da linguagem para tratar da condição humana em toda sua força e fragilidade.

Em 1942 é publicado o livro *José* no qual, Drummond faz questão de dedicar um de seus poemas ao fazer poético: “O lutador”, poema que traz para o leitor o poder que as palavras têm e o trabalho árduo do poeta.

Em 1945 Drummond se consagra o poeta do século ao compor o livro *A Rosa do Povo*, com inúmeros poemas magníficos, e entre eles está o poema “Procura da Poesia”. Tanto em “O Lutador” quanto em “Procura da Poesia” encontramos o que podemos chamar de a luta em busca da Palavra Mágica. “Procura da poesia” constitui-se num verdadeiro tratado poético que levou a essência de sua arte, a geração de 45.



Tal “Palavra Mágica” é encontrada em 1977 quando Drummond publica o livro *Discurso de Primavera* em “Música de Fundo: palavra mágica”.

## 2. CONCEPÇÕES DO FAZER POÉTICO EM DRUMMOND

### 2.1 A POESIA

Pensar o fazer poético é pensar a relação entre o poder das palavras e o trabalho árduo do poeta ao utilizar as palavras. Como relata o próprio Drummond na orelha de seu livro *Alguma Poesia*:

Entendo que a poesia é negócio de grande responsabilidade, e não considero rotular-se de poeta quem apenas verseje por dor de cotovelo, falta de dinheiro ou momentânea tomada de contato com as forças líricas do mundo, sem SE entregar aos trabalhos cotidianos e secretos da técnica, da leitura, da contemplação e mesmo da ação. Até os poetas se armam, e um poeta desarmado é mesmo um ser a mercê de inspirações fáceis, dóceis às modas e compromissos (ANDRADE, 1930).

Essa relação fica claramente estabelecida nos poemas de Drummond: “Poesia”, “O Sobrevivente” e “Explicação” do livro *Alguma Poesia*, publicado em 1930, por este grandioso poeta; “O Lutador” poema encontrado no livro *José*, publicado em 1942; “Procura Da Poesia” do livro *A Rosa Do Povo* publicado em 1945: e por fim “Palavra Mágica” encontrado no livro *Discurso De Primavera* que foi publicado em 1977, destacando mais uma vez a profundidade que é a construção de um poema.

O livro *Alguma Poesia* iniciou a carreira de escritor/poeta modernista Drummond. Neste livro encontramos o poema “Poesia”, em que podemos observar uma poética própria de Drummond e do Movimento Modernista Brasileiro que está relacionado à estrutura formal de seus poemas que são: 1) versilibrismo ou o uso de versos livres; 2) Prosaísmo que é a adoção de processos adequados a prosa, como o discurso direto, ausência de rimas, e a conversa com o leitor, um exemplo está no poema “Explicação” quando o Eu - lírico diz: Se meu verso não deu certo, foi seu ouvido que entortou. / Eu não disse ao senhor que não era senão poeta? e por fim 3) Linguagem dinâmica e irônica, pequenos versos com significado conciso, como por exemplo o último verso do poema “O Sobrevivente”: (Desconfio que escrevi um poema)( ANDRADE, 2013, p 56). Este poema relata o choque social vivido pelo pós - guerra mundial, a difícil relação estabelecida entre o eu e o outro.



Em Drummond alguns poemas falam do fazer poético, um exemplo claro de metapoesia é o poema “Poesia” que é em si a poesia falando da própria poesia. Em “Poesia” fica visível a metalinguagem: concepção poética moderna de que a poesia só é feita com palavras e que está no tipo de linguagem estabelecida pelo poeta, quando invade o mundo das palavras e descobre seus significados secretos.

Neste poema o eu - lírico se confunde com o poeta. É visível a dificuldade encontrada pelo poeta em transferir o poema para o papel, quando o eu – lírico, procura dar corpo à poesia, ele no primeiro verso diz:

Gastei uma hora pensando um verso  
que a pena não quer escrever.  
No entanto ele está cá dentro  
inquieto, vivo.  
(ANDRADE, 2013, p 45)

Notamos no primeiro verso que essa dificuldade é transferida para a “pena que não quer escrever”. Assim o verso não consegue ganhar forma. Até então o poeta não aceita que ele não esta conseguindo compor seu poema, o que aparece no poema é unicamente “a pena que não quer escrever” e ao reduzir o poeta na figura de uma pena, Drummond parece privar-se de sua consciência poética. O poeta mostra-se solitário e sua poesia te basta, pois é por atrás delas que podemos encontrar a verdadeira face de Drummond. É este um poema metalinguístico, em que a poesia é independente das palavras que podem ou não expressá-la.

O segundo verso vem afirmar que a existência do verso está dentro do poeta, uma arte poética considerada virtual.

O poema existe, contudo o poeta não consegue dar forma ao poema, este poema está inquieto em sua mente, quer sair, ganhar forma e o mundo da poesia.

O terceiro verso enfatiza o primeiro e o segundo verso e marca uma forte característica de Drummond e de outros autores modernistas que é a repetição:

Ele está cá dentro  
e não quer sair.  
Mas a poesia deste momento  
inunda minha vida inteira.  
(ANDRADE, 2013, p 45).



No quarto verso encontramos a confirmação da existência da poesia em seu “estado de espírito”, sobre um poema que não se quis dizer ou não pode, mas que essa poesia inunda a vida do eu – lírico.

A poesia foi construída sem querer, saiu sem querer sair. A poesia está em estado de espírito, independe das palavras que podem ou não expressá-la. Observe que o processo poético começa antes da escrita, como podemos ver no primeiro verso do poema, quando ele afirma ter gastado uma hora de seu tempo pensando em um verso.

Apesar dos obstáculos encontrados pelo poeta, Drummond demonstra não ter inspiração, e, sem que ele espera-se no último verso descobre que compôs um poema:

No poema “O Sobrevivente”, deparamo-nos com um poeta marcado pelo pós-guerra mundial, sem estímulo para compor um verso se quer. Podemos ver nessa poesia que Drummond comenta os últimos acontecimentos no mundo e coloca um obstáculo, logo no início do poema, em compor um poema pondo a culpa na evolução humana: “Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade/Impossível escrever um poema – uma linha que seja – de verdadeira poesia” (ANDRADE, 2006, p 26). Mais uma vez um poema marcado pela repetição.

Um dos poemas que Drummond busca chamar a atenção para as transformações ocorridas através do movimento modernista está no poema “Explicação” que é demonstrado por ele ser seu poema sua redenção e “consolação”. Nessas duas primeiras frases encontramos um movimento de contradições, usando de pronomes possessivos como: Meu verso, Minha consolação, Minha cachaça. Como diz Alcides Villaça: “arte consoladora, em regime de contrição e lirismo, e obsessão viciosa como a da pinga” (2002, p.42).

Meu verso é minha consolação.  
Meu verso é minha cachaça. Todo mundo tem sua cachaça.  
Para beber, copo de cristal, canequinha de folha-de-flandres,  
Folha de taioba, pouco importa: tudo serve (ANDRADE, 2013, p 74).

Nesses versos podemos perceber que Drummond admite ser solitário e que tem como consolação o seu verso ou a sua poesia, e que pouco importa para ele como foi feito, pois, todo mundo tem seu verso, ao qual ele compara com a cachaça, onde o poeta ainda relata que todo mundo tem a sua, e que para apreciá-la tudo serve, seja formalmente requintado como: “copo de cristal”; ou ligado a simplicidade, ao rústico como: “folha de taioba”.



O verso serve ao poeta e somente a ele, é sua “lamentação”. Nos versos seguintes, Drummond tenta o tempo todo justificar a sua solidão e a questão da cachaça, comumente encontrada nas casas e bares de nosso Brasil, por ser uma bebida culturalmente brasileira, mas que é também um elemento que o enleva, é tomado por outras sensações, emoções, ideias. Podemos ver que com isso ele conversa o tempo todo com o leitor. Conhecedor das realidades simples e do cotidiano do homem comum, o poeta sempre compõe utilizando linguagem comum ou regional, falando da fraterna cidade onde nasceu, de onde viveu, de seus amigos e até de sua cultura, ou mesmo de outras culturas.

Para louvar a Deus como para aliviar o peito,  
Queixar o desprezo da morena, cantar minha vida e trabalhos  
É que faço meu verso. E meu verso me agrada.  
Meu verso me agrada sempre...  
Ele às vezes tem o ar sem-vergonha de quem vai dar uma cambalhota  
Mas não é para o público, é para mim mesmo essa cambalhota.  
(ANDRADE, 2013, p 74).

Tudo o que o poeta faz é para ele mesmo e para mais ninguém. Seus versos o agradam e isso parece bastar-lhe. Ele mesmo se entende e acaba por confessar a sua solidão, sua tristeza. Para que ninguém perceba seu sofrimento e sua solidão o bom Drummond joga a culpa de seu pesar nas bananeiras de seu país, usando do escapismo e da intertextualidade vai ao cinema ver “uma fita de Hoot Gibson”, aqui entra o Modernismo pelo cinema Norte Americano. Nota-se que os versos não possuem um ritmo, nem rimas e tão pouco simetria. Se formos contar as sílabas encontraremos versos decassílabos.

Note que Drummond não tem uma forma fixa em nenhum de seus poemas aqui analisados, são poesias populares.

Eu bem me entendo.  
Não sou alegre. Sou até muito triste.  
A culpa é da sombra das bananeiras de meu país, esta sombra mole,  
preguiçosa.  
Há dias em que ando na rua de olhos baixos  
Para que ninguém desconfie, ninguém perceba  
Que passei a noite inteira chorando.  
Estou no cinema vendo a fita de Hoot Gibson,  
De repente ouço a voz de uma viola...  
Saio desanimado.  
Ah, ser filho de fazendeiro  
A beira do São Francisco, do Paraíba ou de qualquer córrego vagabundo,  
É sempre a mesma sen-si-bi-li-da-de.  
E a gente viajando pela pátria sente saudades da pátria.  
(ANDRADE, 2006, p 36).



O poema “Explicação” tem marcas de repetição em quase todos os versos, é um poema heterogêneo referente à composição sentimental: ar sem-vergonha; cambalhota; profunda tristeza, ligada a bananeiras de meu país... mole e preguiçosa; desanimado filho de fazendeiro.

Drummond ainda brinca com a palavra sensibilidade separando as sílabas como se quisesse enfatizar o seu jeito, ou modo, sensível de ser. Ao declivar a palavra sensibilidade ele desdobra os fonemas, as sílabas e automaticamente os sentidos impregnados a esta palavra.

É ambíguo ao dizer que viaja pela pátria e sente saudade da pátria, uma fórmula para enaltecer sua terra, seu país.

Aquela casa de nove andares comerciais  
É muito interessante.  
A casa colonial da fazenda também era...  
No elevador penso na roça,  
Na roça penso no elevador. (ANDRADE, 2006, p 36).

Mais uma vez o sentimento ambíguo se faz presente: “casa de nove andares comerciais” / “casa colonial da fazenda”, há saudade dos dois lugares, pois ele não é nem ruralista e nem urbanista: “no elevador penso na roça” / “na roça penso no elevador”.

Nessas duas frases ele engrandece sua gente e sua terra, e ele ainda diz gostar de ter nascido assim “com essa tara”. Drummond traz o fator sexual (tara) para demonstrar um estado de êxtase, demonstrando prazer e orgulho de sua terra e de sua gente: “Quem me fez assim foi minha gente e minha terra/E eu gosto bem de ter nascido com essa tara” (ANDRADE, 2006, p 36).

Podemos observar o nacionalismo/regionalismo, também chamado de “verde - amarelismo”, que Drummond usa para demonstrar o quanto valorizava sua terra natal. E com tom irônico brinca com a realidade cultural, econômica e política dos países europeus.

Para mim, de todas as burrices a maior é suspirar pela Europa.  
A Europa é uma cidade muito velha onde só fazem caso do dinheiro  
E tem umas atrizes de pernas adjetivas que passam a perna na gente.  
O francês, o italiano, o judeu falam uma língua de farrapos.  
Aqui ao menos a gente sabe que tudo é uma canalha só,  
Lê seu jornal, mete a língua no governo,  
Queixa-se da vida (a vida está tão cara),  
E no fim dá certo. (ANDRADE, 2006, p 36-37).





No penúltimo verso o escapismo torna-se mais uma vez escancarado, quando diz que se o verso não deu certo foi o ouvido do leitor que entortou. Deixando claro que ele fez o que pode. Dessa maneira ele cria um diálogo com os leitores, um forte da poética drummondiana. Diálogo que conclui o último verso do poema com uma pergunta em forma de afirmação: “Se meu verso não deu certo, foi seu ouvido que entortou./Eu não disse ao senhor que não sou senão poeta?” (ANDRADE, 2006, p 37).

O livro *Alguma Poesia* marca o início da grande carreira como poeta de nosso saudoso Drummond, por ser seu livro de estreia, o poeta deixa evidências da fase heroica do Modernismo, pois procura romper com todos os traços de uma poética assimétrica, transforma-se de herói a anti – herói, brincando com as tradições históricas e literárias de nosso país, temas do cotidiano, linguagem coloquial tomando o lugar da linguagem culta, o versilivismo que nada mais é que versos livres, sem as tais formas fixas, a pontuação estilística, são algumas das influências do modernismo de 30. O leitor não se cansará de encontrar pluralidade linguística, de estilo, nacionalismo, etc... ao entrar no mundo das poesias de Drummond.

1942 foi o ano em que Carlos Drummond de Andrade publicou seu livro *José* que em sua poética demonstra a luta do poeta para com as palavras, no qual podemos encontrar o belo poema “O Lutador” que vem marcar mais uma vez o que é fazer poesia para nosso poeta. Poesia popular, composto por versos de cinco sílabas, denominadas redondilhas menor. Ele expressa a luta com as palavras, tentando atraí-las para perto de si. O poeta aqui é vulnerável, impotente, mesmo frágil ele não desiste da luta, busca apanhá-las e não delas apanhar.

Cada palavra possui uma natureza múltipla, plural, elas deslizam e finge.

As palavras parecem entidades rebeldes e múltiplas, que o poeta procura atrair, mas que fogem sempre, quer eles as acaricie, quer as maltrate. É um luta desigual e inglória, contra objetos imponderáveis que se desfazem ao contato, mas que fascinam e aos quais o poeta não consegue renunciar (CÂNDIDO, 2004, p90).

A poesia não pode reduzir-se a apenas um jogo de interioridade questionadora, porque poderia perder o prazer literário delas tirados. Seria impossível pensar a poesia apenas com palavras de evasão. O poeta como lutador aceita o combate ao sentir-se desafiado por



elas, confrontando a reflexão com as palavras, pois só assim nascerá a poesia. Isso é o que podemos observar em todos os versos do poema “O Lutador”.

Lutar com palavras  
É a luta mais vã.  
Entanto lutamos  
Mal rompe a manhã. (ANDRADE, 2006, p 99).

Nos versos que se seguem o poeta lutador se sente impotente perante as palavras, sente-se tão pequeno e frágil, até mesmo fraco. O eu – lírico não se julga louco, mas lúcido, pois é das palavras que ele tira o seu sustento “num dia de vida”. É como se o poeta se auto denomina-se homem pobre. Mais à frente o poeta demonstra que se as palavras o desafia ele não se esconde e vai a luta, aceitando o combate ali travado.

São muitas, eu pouco.  
Algumas, tão forte  
Como um javali.  
Não me julgo louco.  
Se o fosse, teria  
Poder de encantá-las.  
Mas lúcido e frio,  
Apareço e tento  
Apanhar algumas  
Para meu sustento  
Num dia de vida. (ANDRADE, 2006, p 99).

Mesmo não se colocando como louco Drummond brinca com as palavras, como se elas pudessem escapar dele. O poeta acaba por declarar haver um comércio, pois, delas é que saem o seu sustento diário. E que nem as palavras e nem Drummond trás na voz nenhum rastro de “zanga ou desgosto”, eles se completam, são pares perfeitos. Não adianta se esforçar quando as palavras não colaboram, tem que haver uma cumplicidade para que o trabalho, ou a poesia, seja perfeita. Delas ele é escravo, brinca com a repetição, “Palavra, palavra”, e como um alvo ou um objeto pretendido ele diz: “quisera possuir-te”.

Deixam-se enlaçar,  
Tontas à carícia  
E súbito fogem  
E não há ameaça  
E nem há sevícia  
Que as traga de novo  
Ao centro da praça.  
Insisto, solerte.  
Busco persuadi-las.  
Ser-lhes-ei escravos



De rara humildade.  
Guardarei sigilo  
De nosso comércio.  
Na voz, nenhum travo  
De zanga ou desgosto. (ANDRADE, 2006, p 99).

Para Drummond a luta com palavra, é a luta mais inútil que se possa combater por não existir carne e sangue, não há uma concretude nesta luta, no entanto ele luta.

Sem me ouvir deslizam,  
Perpassam levíssimas  
E viram-me o rosto.  
Lutar com palavras  
Parece sem fruto.  
Não tem carne e sangue...  
Entretanto, luto (ANDRADE, 2006, p 100).

O ato de fazer poesia tem uma dimensão erótica, no sentido de que a palavra, tomada como se fosse uma mulher, seduz, se mostra, foge, num jogo de sedução que encanta e atrai o poeta. Esta similaridade com o evento amoroso fica evidente nos versos abaixo:

Palavras, palavras  
(digo exasperado).  
Se me desafia,  
Aceito o combate.  
Quisera possuir-te  
Neste descampado,  
Sem roteiro de unha  
Ou marca de dente  
Nessa pele clara (ANDRADE, 2006, p 100).

E como se tais palavras, objeto de desejo do poeta, fossem prostitutas ele diz: “Preferes o amor/ De uma posse impura”; ao possuí-la ele entra num estado de êxtase. Esta “tortura” que é apontada por Drummond é o que lhe dará prazer em sua poesia: “E que venha o gozo/ Da maior tortura” (ANDRADE, 2006, p 100).

Mesmo sendo uma luta travada com tanta peleja o poeta ainda brinca “e que venha o gozo/ da maior tortura”. Os traços do movimento modernista ficam aqui evidentes quando se diz claramente no poema “ não encontro vestes/ não seguro formas/.../ e ri-se das normas/ da boa peleja”. Outro ponto interessante é que o poeta tem essa luta com as palavras como um ato de sedução, se referindo as palavras como se elas fossem uma mulher que ele deseja e quer conquistar com todo o clamor de sua alma, de seu querer. Drummond é intenso em cada



verso por ele composto. Tal intensidade faz com que as palavras ganhem forma, “corpo”. É essa corporeidade das palavras e o que dá a materialidade linguística, o corpo da palavra.

Luto corpo a corpo,  
Luto todo o tempo,  
Sem maior proveito  
Que o da caça ao vento.  
Não encontro vestes,  
Não seguro formas,  
É fluido inimigo  
Que me dobra os músculos  
E ri-se das normas  
Da boa peleja (ANDRADE, 2006, p 100).

Drummond se autodenomina um ser desprovido de impureza, chegando a assumir uma ingenuidade um tanto incomum diante das palavras: “Iludo-me às vezes/ Pressinto que a entrega/ Se consumará”, trás aqui a ilusão de um ser apaixonado. Trabalhando com a adjetivação da personificação feminina: “feita de mistério”, “seu ciúme” e “um sapiente amor”. Todos esses adjetivos, que são próprios das fêmeas, ajudam o poeta retirar de cada palavra “a essência capitada”.

Já vejo palavras  
Em coro submisso,  
esta me ofertando  
seu velho calor,  
outra sua glória  
feita de mistério,  
outra seu desdém,  
outra seu ciúme,  
e um sapiente amor  
me ensina a fruir  
de cada palavra  
a essência captada,  
o sutil queixume.  
Mas ai! É o instante  
De entreabrir os olhos:  
Entre beijo e boca,  
Tudo se evapora (ANDRADE, 2006, p100).

Ao final do poema o poeta conclui que o duelo é inútil e que jamais se resolverá. Mais uma vez a figura feminina, talvez por se tratar de palavras, aparece nos versos: “O teu rosto belo/na curva da noite/ que toda me envolve.” Mesmo o duelo sendo inútil o poeta prossegue com a luta, pois não houve nenhuma corrupção, somente “paixão”.

O ciclo do dia  
Ora se conclui  
E o inútil duelo  
Jamais se resolve.



O teu rosto belo,  
Ó palavra, esplende  
Na curva da noite  
Que toda me envolve.  
Tamanha paixão  
E nenhum pecúlio.  
Cerradas as portas,  
A luta prossegue  
Nas ruas do sono (ANDRADE, 2006, p100-101).

Um pouco imaturo Drummond procura demonstrar toda a sua afinidade e paixão para com a poesia nessas poesias anteriormente analisadas. Já em 1945 com a publicação de *A Rosa Do Povo* o poeta demonstra claramente a sua maturidade com a poesia “Procura da poesia”, se perguntando sobre o sentido de se fazer poesia, buscando a reflexão modificadora ou não das relações humanas e sociais.

É com *A Rosa do Povo*, obra central do poeta, que Drummond se colocou entre os maiores poetas do Brasil e do mundo. Seria para o poeta a sua segunda Pedra na consolidação de sua carreira como escritor, e o caminho para uma poesia reflexiva.

Drummond trabalha aqui com a poesia popular, sem riqueza de rimas, mas com riqueza de conteúdo. “Procura da Poesia” atinge um ponto essencial na carreira que é a reflexão do ser e das coisas do mundo. Temos aqui, um poeta que demonstra estar amargurado, mas ao contrariar a amargura, procura revelar o como e o que de se fazer poesia. O poeta então diz:

Não faças versos sobre acontecimentos.  
Não há criação nem morte perante a poesia.  
Diante dela, a vida é um sol estático,  
Não aquece nem ilumina.  
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.  
Não faças poesia com o corpo,  
Esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica. .  
(ANDRADE, 2006, p117).

A poesia não pode se resumir a uma mera explosão de sentimentos e de questionamentos, pois se assim fosse não tiraríamos dela o prazer literários que poderíamos tirar, seria simplesmente palavras de evasão. A reflexão entra em confronto com as palavras.

Tua gota de bile, tua careta de gozo ou de dor no escuro  
São indiferentes.  
Nem me reveles teus sentimentos,  
Que se prevalecem do equívoco e tentam a longa viagem.  
O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia. (ANDRADE, 2006, P117).



Tua raiva ou teu prazer não é motivo para se fazer poesia, nem mesmo o que sentes ou pensas. É pouco provável que para Drummond a poesia passasse de pura inspiração, podemos nos ater a outros poemas do mestre que ele canta sua terra natal, seus sentimentos, etc...Contudo ele trabalha sua poética de maneira agradável e absolutamente concisa, coerente com as mudanças ocorridas no período em que se estende o Modernismo. Fazer poesia não é simplesmente compor sem saber das regras, das transformações ocorridas através do tempo.

É impossível compor, por exemplo, um soneto sem saber o que é? como são compostas as suas estrofes, como pode ser contadas as sílabas, etc. O que Drummond tenta nos mostrar através destas poesias é que nós podemos ter inspirações e com elas fazer poesias, mas nada valerá se não nos dedicarmos ao estudo de como se faz um verso.

O canto não é a natureza  
Nem os homens em sociedade.  
Para ele, chuva e noite, fadiga a esperança nada significam.  
A poesia (não tires poesia das coisas)  
Elide sujeito e objeto (ANDRADE, 2006, p117).

A mentira, as perguntas, o drama, o aborrecimento, não invoques tua riqueza (iate de marfim/sapatos de Diamantes) sua árvore genealógica podem ficar perdidos no tempo é algo sem importância para o poeta.

Não dramatizes, não invoques,  
Não indagues. Não percas tempo em mentir.  
Não te aborreças.  
Teu iate de marfim, teu sapato de diamantes,  
Vossas mazurcas e abusões, vossos esqueletos de família  
Desaparecem na curva do tempo, é algo imprestável.

Não recomponhas  
Tua sepultada e merencória infância.  
Não osciles entre o espelho e a  
Memória em dissipação.  
Que se dissipou, não era poesia.  
Que se partiu, cristal não era. (ANDRADE, 2006, p117).

Drummond busca transmitir o valor que a palavra tem e que o processo poético começa antes de se compor o poema “Convive com teus poemas, antes de escrevê-los” podemos observar através deste verso o verdadeiro pensamento sobre o fazer poético para o grande Drummond, que a criação poética exige reflexão. Não se faz poesia apenas com sentimentos.



O reino das palavras, onde costuma se exilar tanto o poema quanto o poeta, não deve ser tomada como um lugar ermo e despovoado. Nesse reino que pode ser tomado como uma ilha, experiências e conceitos opostos avançam os seus argumentos com vista ao seu enriquecimento do diálogo entre o indivíduo e a coletividade. Em “estado de dicionário” as palavras estão esperando para serem transpostas em poemas, porém a paciência e a calma devem ser constantes para que a poesia não fique no obscuro.

Penetra surdamente no reino das palavras.  
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.  
Estão paralisados, mas não há desespero,  
Há calma e frescura na superfície intata.  
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.  
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.  
Tem paciência se obscuros. Calma, se te provocam  
Espera que cada um se realize e consume  
Com seu poder de palavras  
E seu poder de silêncio.  
Não forces o poema a desprender-se do limbo.  
Não colhas no chão o poema que se perdeu.  
Não adules o poema. Aceita-o  
Como ele aceitara sua forma definitiva e concentrada  
No espaço (ANDRADE, 2006, p117).

O poema não deve ser forçado a “desprender-se do limbo”, as palavras não devem ser aduladas, pois, cada uma possui inúmeras faces “secretas/neutras” buscam por resposta, e quem as tem? “Será que trouxeste a chave?”. Se os poemas ou poesias não forem bem trabalhados se transformarão em desprezo, porque não se encontrarão sentido para esses poemas e poesias.

Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma  
Tem mil faces secretas sob a face neutra  
E te pergunta, sem interesse pela resposta,  
Pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave?

Repara:  
Ermas de melodias e conceitos  
Elas se refugiaram na noite, as palavras.  
Ainda úmidas e impregnadas de sono,  
Rolam num rio difícil e se transformam em desprezo. (ANDRADE, 2006, p118).

Drummond passou a vida inteira a buscar por uma palavra mágica, que pudesse exprimir todo o seu fascínio sobre o ato poético e em 1977 ele encontra em “Música de



Fundo: Palavra Mágica”, que podemos encontrar no livro *Discurso de Primavera*. O poder das palavras, um instrumento usado por poetas e pela humanidade em geral. Tão poderosa que não podemos subestimar sua força.

A palavra que se procura, talvez seja uma joia a ser lapidada, esculpida, trazida a luz para ser apreciada. É mágica porque através dela se desvenda algo, se anuncia ao escritor/poeta, que tem na palavra a ferramenta para esculpir sua arte, esta procura não difere da busca do garimpeiro no sonho da busca por sua pepita.

Por meio das palavras somos capazes de reconhecer uma dimensão fundamental das relações sociais. Essa busca por uma palavra que outrora causava guerra pode agora ser a paz que tanto se busca no decorrer da vida. Coloca a palavra como se ela fosse a “Bela adormecida” que precisa de algo, uma porção mágica talvez, ou quem sabe o “beijo” que já esperava em “O Lutador”, para que se quebre o encanto. Vê a palavra como se fosse a chave, a solução dos problemas que enfrenta na construção de seus poemas. Talvez a palavra seja o seu “Jarro de Pandora”, contendo todo o segredo do mundo e que ele deseja desvendar.

Certa palavra dorme na sombra  
De um livro raro.  
Como desencantá-la?  
É a senha da vida  
A senha do mundo.  
Vou procurá-la (ANDRADE, 2006, p854).

A procura pelo ser amado, algo que se perdeu ou que nem mesmo chegou a possuir, mas que precisa ser encontrado para que ele, o poeta, possa consumir seus poemas, em um ato de entrega e gozo. Mas que, se mesmo com tanta procura não houver o encontro, ele assim mesmo continuará a procurar.

Vou procurá-la a vida inteira  
No mundo todo.  
Se tarda ao encontro, se não a encontro,  
Não desanimo,  
Procuro sempre.

Procuro sempre, e a minha procura  
Ficará sendo  
Minha palavra. (ANDRADE, 2006, p854).





Drummond, agora um poeta amadurecido pela idade, admite que essa busca por uma palavra indefinida, a qual ele julgava ser o elemento que faltava para concluir sua trajetória, realmente a encontra quando diz: “Procuro sempre, e a minha procura/ Ficaré sendo/ Minha palavra” (ANDRADE, 2006, p854). Observa-se que Drummond é coerente com sua procura, por que é essa indefinição da palavra poética correta que traz a condição para que seus poemas aconteçam.

### 3. Considerações finais

Nos poemas analisados, conclui-se que Drummond foi um poeta exigente na criação poética e que ele se deixou valer por inúmeros conceitos adquiridos no decorrer de toda a sua vida como jornalista e poeta. A poesia não é simplesmente as coisas de nossa sociedade ou da natureza, a poesia está no sujeito e no objeto, ambos se completam, se combinam e juntos significam. O poeta ainda faz uma alusão “(não tires poesias das coisas)”, a poesia tem que sair de dentro do poeta e através do conhecimento literário ser composta, sem medo dessa poesia se perder no tempo. É o trabalho do poeta com a linguagem que faz o poema, que cria a poesia.

### 4. Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma Poesia**. 8 edição, Rio de Janeiro: Record, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Carlos Drummond de Andrade: Poesia Completa**. Editora Nova Aguiar, Rio de Janeiro, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história**. 7. Ed. – São Paulo: Ed. Nacional. 1985.
- \_\_\_\_\_. IN: “Inquietude na poesia de Drummond”. **Vários escritos**. 4. Ed. São Paulo/Rio de Janeiro/Duas cidades/Ouro sobre azul. 2004.
- LIMA, Luís Costa. **Dispersa demanda: ensaio sobre literatura e teoria**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.
- MELLO, Heitor Ferraz. Drummond: entre o ser e as coisas. **Revista Cult**. Ed:17. Ano VI. N°62. 2003. P41 a 65.



---

\_\_\_\_\_. **Drummond: entre o ser e as coisas.** 2010. Disponível em: <  
<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/drummond-o-antibusto>. Acesso em 27 de Outubro  
de 2014.